

Introdução

São várias as maneiras de começar este texto. Entretanto, a cada tentativa de me comunicar, um senso de alienação se intensifica e não consigo expor minhas ideias de maneira eficaz. Busco uma forma de estabelecer um diálogo enquanto me conecto com outras pessoas às quais não conheço pessoalmente mas são parte de minha comunidade. Ao mesmo tempo, a notificação no meu celular avisa que o grupo de amigos do WhatsApp tem dezessete novas mensagens, que estão *twittando* sobre a nova temporada da série do Netflix¹ que gosto e vários canais do YouTube nos quais estou inscrito enviaram novos vídeos sobre os videogames que jogo. As tecnologias da informação e comunicação (TIC), especialmente a internet, mudaram drasticamente a maneira como nos comunicamos. O objetivo da presente pesquisa é pertinente à relação entre linguagem, tecnologia e comunidades.

Empenhado em entender como as práticas discursivas contribuem para a formação e para a manutenção de comunidades virtuais (RHEINGOLD, 1993), proponho a investigação do fenômeno da **polarização** entre ciência e conspiração em um canal do YouTube, levando em consideração a maneira como o pertencimento em tal ambiente é construído.

O senso de pertencimento que advinha das comunidades que formávamos em maior parte com pessoas que conhecíamos pessoalmente foi substituído (novamente, na maior parte) por comunidades virtuais, grupos de pessoas com as quais interagimos exclusivamente no ciberespaço. Os efeitos desse processo complexo se manifestam ao reconfigurarem as práticas sociais e ao criarem contextos marcados pela relação mais próxima entre **local** e **global**, o que faz com que as comunidades que formamos ao longo de nossa vida funcionem de forma diferente de antes.

1 Serviço de vídeo-sob-demanda via transmissão contínua (streaming), especializado em filmes e séries de televisão

As mudanças causadas pelas interconexões geradas no avanço das tecnologias de comunicação floresceram durante a primeira metade do século XX, muito embora o termo "**globalização**" não fosse ainda usado. Um exemplo da preocupação com tal fenômeno pode ser encontrado no trabalho seminal de Hannah Arendt, "A condição humana" (ARENDR, 1958). Mesmo nunca tendo mencionado a globalização, a autora discute a relação do ser humano com o globo, que é entendida como parte essencial da condição humana, trazendo a baila o impacto social das relações entre pessoas em um mundo "encolhido" pela velocidade de movimento do ser humano pela terra na era moderna.

Kumaravadivelu (2006) também aborda a temática e explica, por meio dos conceitos de homogeneização e heterogeneização culturais, que a globalização afetou a cultura e a vida das pessoas de forma rápida e intensa. A homogeneização cultural (BARBER, 1992; RITZER, 1983) sugere que a cultura norte-americana está se tornando a cultura dominante e apagando as culturas locais por meio do processo de "mcdonalização" (metáfora usada para comparar a cultura norte-americana com a rede de restaurantes McDonald's). A heterogeneização cultural (GIDDENS, 2000), em movimento oposto ao defendido por Barber e Ritzer, argumenta que a globalização na verdade se tornou um catalisador para o fortalecimento das culturas locais, unindo as pessoas contra uma ameaça de universalização dos valores. Já uma terceira corrente – adotada nesta dissertação – defende a globalização como sendo um processo de particularização do universal e universalização do particular, que pode ser interpretado como benéfico ou prejudicial, sem uma resposta definitiva como apontado pelas outras duas correntes. Bauman (1999, p. 7) explica que:

A globalização tanto divide como une; divide enquanto une — e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo. Junto com as dimensões planetárias dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informação, é colocado em movimento um processo "localizador", de fixação no espaço. Conjuntamente, os dois processos intimamente relacionados diferenciam nitidamente as condições existências de populações inteiras e de vários segmentos de cada população. O que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel.

A globalização se define, dessa forma, como um processo discursivamente

construído. É a população que, no fim, vai (re)agir socialmente ao fenômeno a partir de suas ideologias e discursos, co-construindo a globalização como universalização ou localização da cultura a partir da maneira como se relacionam com o globo e com outras pessoas. É nesse cenário conectado que surge a cultura coletiva denominada, por autores como Lévy (2010), de **cibercultura**.

A cibercultura, na qualidade de movimento social, contém um programa sem objetivo nem conteúdo, movido pelos indivíduos em constante mutação, uma inteligência coletiva (LÉVY, 2010, P. 133). Inteligência coletiva é “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2003 apud BEMBEM; SANTOS, 2013). É por meio desse conceito que podemos definir cibercultura como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente ao crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2010, p. 17). Em suma, o contexto atual (globalizado e mediado pelas tecnologias da informação e comunicação) é marcado pela emergência do ciberespaço² e pela capacidade de produção coletiva de conhecimento alavancada pelo caráter participativo da internet.

Nesse sentido, as práticas discursivas que anteriormente eram essencialmente presenciais passaram a ser disponíveis on-line (as práticas da sala de aula sendo o exemplo mais evidente). Essa mudança aumentou o tamanho e a quantidade de comunidades com as quais nos identificamos. Entretanto, esse modelo de comunicação também fez com que os **laços sociais** (KNIGHT, 2008) responsáveis pela manutenção dessas comunidades tenham se tornado mais frágeis.

É nas redes sociais, como o Facebook, Twitter e YouTube, onde esse fenômeno pode ser visto mais claramente. Nesses meios, indivíduos definem suas afiliações discursivamente a partir de determinados “rótulos”, que existem de forma polarizada um ao outro. Exemplos dessa polarização incluem “petralhas x coxinhas” (GOMES, 2015), “feministas x antifeministas” (MYERS, 2013) e

2 Esse conceito será aprofundado no capítulo 2

“ciência x conspiração” (BESSI et al, 2016). Investigar a forma como essas polarizações são construídas discursivamente e sua relação com as comunidades formadas on-line contribui para compreensão da internet como espaço de reflexão coletiva sobre a linguagem e de criação de conhecimento (BARTON; LEE, 2013).

A polarização entre “ciência” e “conspiração” - estudada nesta dissertação – compreende dois grupos distintos com diferentes concepções de criação de conhecimento. Páginas de ciência em redes sociais costumam compartilhar conteúdo de divulgação científica e curiosidades sobre as ciências humanas, exatas e da natureza, com fontes geralmente advindas de universidades e publicações de divulgação científica, como as revistas *Galileu* e *Superinteressante*. As páginas de conspiração, em contrapartida, costumam rejeitar as fontes vindas de instituições científicas e corroborar as investigações de pensadores independentes, as chamadas “teorias da conspiração”. Compreender a forma como discursos divergentes como esses dialogam em espaços como as redes sociais é uma forma de estudar as relações de aprendizagem que acontecem em espaços virtuais.

Com esse contexto em mente, apresento minha pergunta de partida para a presente pesquisa: **como uma comunidade imaginada do YouTube é construída discursivamente?** Como reflexão apresentada em resposta a este questionamento, apresento uma análise da seção de comentários do vídeo “Fomos à lua?” (IAMARINO, 2017), do canal Nerdologia³, a partir do conceito de Comunidades Imaginadas (ANDERSON, 2008). Essas comunidades são constituídas com a principal função de estabelecer laços sociais e afiliações (KNIGHT, 2008) entre seus membros, criando um senso de pertencimento. As relações fluídas criadas pelas interações on-line fazem com que esse tipo de comunidade não possua bases concretas para sua manutenção. Comunidades imaginadas na internet são como castelos de vidro: grandes e majestosos, com um valor simbólico capaz de abarcar a crença de uma comunidade. Porém, frágil demais para suportar ataques externos por si só. Sem defensores de sua soberania, elas se despedaçam. Dito isso, a reflexão que se segue é: se as comunidades imaginadas são assim tão frágeis,

3 www.youtube.com/nerdologia

como se mantém de pé?

Uma resposta seria pelo discursos de seus próprios membros. Como a comunidades tem bases frágeis, a polarização acaba sendo a principal fonte de perpetuação de tais comunidades. Entendo a polarização como um fenômeno responsável pela manutenção dessas comunidades, por meio da criação de agrupamentos com visões de mundo semelhantes entre si, as chamadas “bolhas da internet” - ou *echo chambers*, onde a informação é selecionada de forma a aderir a suas próprias crenças, o viés de confirmação. (BESSI et al, 2016, p. 1).

Para analisar a construção e o efeito semântico de tais discursos, tomo por base a concepção sociossemiótica de linguagem (HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014), que entende o texto como uma unidade de sentido, contextualizada na cultura e na situação, e (co)construído na interação. Tal perspectiva é defendida pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994) e focada, neste estudo, no uso do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; VIAN JR, 2009)⁴. A Linguística Sistêmico Funcional (doravante LSF), desenvolvida por Halliday (1994), oferece um arcabouço teórico e instrumental para a compreensão das interações sociais por seu foco na escolha paradigmática do falante. Ou seja, sentidos são linguisticamente (co)construídos não apenas pelos elementos que falantes/escritores utilizam, mas também pelos que escolhe não usar ao cumprir seus propósitos comunicativos em situações de interação. Essas escolhas são feitas dentro de um sistema instanciado nos níveis semântico (de produção de sentidos), lexicogramatical (do vocabulário e da gramática) e da expressão (da grafologia, da fonologia, da imagem, entre outros). A análise que proponho a partir dessa perspectiva se propõe a expandir a questão principal de pesquisa e adota um modo de investigação focado no falante⁵.

Tal perspectiva analítica insere o trabalho no campo da Linguística Aplicada (BOHN, 2005; FABRÍCIO et al., 2014), um campo de estudo focado em

4 O Sistema de Avaliatividade dirige-se a interpretar a avaliação que fazemos a partir de significados interpessoais que construímos na semântica do discurso. Mais sobre esse sistema no capítulo 4

5 Vale salientar que a polarização pode ser lexicogramaticalmente analisada de várias formas, mas meu foco será na análise dos elementos avaliativos

compreender as interações entre a sociedade e o comportamento humano por meio da análise de interações cotidianas mediadas pela linguagem (MOITA LOPES, 1996; 2013). Como campo de estudo inter e transdisciplinar, a Linguística Aplicada busca interpretar a realidade social a partir de análise (predominantemente) qualitativa de elementos linguísticos e paralinguísticos. Uma abordagem baseada na Linguística Aplicada (doravante LA) é relevante ao permitir a análise da linguagem enquanto fenômeno multissemiótico e a sócio-construção de conhecimento que acontece entre usuários no espaço virtual, como nas comunidades imaginadas, conforme proposto nesta dissertação.

A questão de partida – como uma comunidade imaginada do YouTube é construída discursivamente? - ancora o trabalho no cruzamento teórico entre linguagem e tecnologia, mais especificamente no tema das práticas discursivas em ambientes on-line. O estudo que desenvolvo é delimitado pelo fenômeno da polarização em comunidades imaginadas. O objetivo principal do trabalho é, portanto, **investigar as práticas sociais que acontecem no YouTube do ponto de vista da polarização em comunidades imaginadas.**

O objetivo principal, aliado à questão de pesquisa, se desdobra nas seguintes perguntas secundárias:

- Quais os recursos avaliativos mais recorrentes na construção da comunidade imaginada e como eles contribuem para a construção de sentidos nessa comunidade?
- De que maneira(s) o aspecto da polarização discursiva pode auxiliar a criação e manutenção da comunidade imaginada?

Buscando cumprir os objetivos traçados para o presente trabalho, a metodologia de pesquisa se insere no paradigma qualitativo interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2005), adotando uma perspectiva que entende os

significados construídos em interação de forma situada, ou seja, a partir das contribuições subjetivas dos participantes para os modos de organização da vida em sociedade. A investigação qualitativa é característica de estudos exploratórios focados em compreender fenômenos de forma contextualizada e, portanto, leva em consideração os valores culturais e a capacidade de reflexão do indivíduo (LEITE, 2015). A adoção de um método focado em analisar o contexto da interação contribui para o entendimento da internet (e sua relação com os espaços sociais off-line) por seu caráter complexo como meio de comunicação, rede de comunicação global e cena de construção social (MARKHAM, 2004).

O modelo de análise escolhido para tratar da seção de comentários é a análise documental (TAVARES, 2014), que é um tipo de ferramenta metodológica para a análise qualitativa interpretativa. Baseada no uso de documentos para o entendimento de informações factuais, esse tipo de análise favorece a observação de fatores relevantes no processo de maturação de indivíduos e sociedades. Essas e outras questões serão aprofundadas nas escolhas metodológicas, no próximo capítulo.

O trabalho conduzido aqui se propõe a colaborar com as pesquisas de natureza interacional e discursiva sobre a internet. Embora tal campo de investigação tenha sido relativamente bem explorado nos últimos anos (cf. Cap. 2), existe ainda uma lacuna nos estudos da linguagem na internet contemporânea em relação às áreas de análise do discurso e sociolinguística (HERRING et al, 2013). O presente trabalho se propõe a cooperar para a diminuição de tal lacuna, uma vez que estuda os modos de organização dos discursos (GEE, 2013; 2015) no YouTube, um dos sites mais acessados do mundo.

É também pretendido que essa análise apoie os estudos sociosemióticos da linguagem na internet. Nesse trabalho, pretendo colaborar por meio da análise do uso dos recursos avaliativos (MARTIN; WHITE, 2005; TAVARES, 2014; SOBRINHO, 2015) em contexto de comunicação on-line.

A dissertação aqui apresentada tem continuidade, assim, da seguinte maneira:

No próximo capítulo, *Escolhas Metodológicas*, são discutidos os caminhos tomados para o desenvolvimento da pesquisa, incluindo a descrição do enquadre da discussão (contexto e participantes), os procedimentos para a geração de dados, e o ferramental de análise utilizado. A opção de me dedicar a este capítulo antes dos aspectos teóricos se justifica na relativa modernidade do contexto que, como exposto no início, ainda possui uma certa lacuna nos estudos do discurso. Acredito que expor a perspectiva metodológica feita na análise faça com o contexto no qual os construtos teóricos são utilizados se torne mais claro.

No capítulo 3, discuto a concepção sociossemiótica de linguagem, incluindo uma revisão bibliográfica da LSF (HALLIDAY, 1994) e do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). Além disso, problematizarei a relação entre D/discurso e prática social, de acordo com as concepções de Gee (2013; 2015) e Fairclough (1989; 2001).

O quarto capítulo discute a noção de cibercultura e de ciberespaço e suas relações com os estudos da linguagem, salientando o caminho feito desde as contribuições teóricas dos estudos em Comunicação (SILVER, 2004; SOUKUP, 2014; MARTINO, 2015; MILLER, 2015), além dos fenômenos das comunidades imaginadas e da polarização.

O Capítulo 5 se destina à análise empírica da sessão de comentários do canal *Nerdologia* no YouTube, tendo em vista a exploração teórica realizada nos capítulos anteriores. Em seguida, me debruço sobre as questões de pesquisa e faço algumas reflexões com base nas análises conduzidas.

Por fim, nas Considerações finais, há a retomada e a síntese das discussões apresentadas ao longo da dissertação, bem como o encaminhamento de sugestões de continuidade da pesquisa.